



Alex Beltrão

Um Estadista do Café

Guilherme Braga Abreu Pires Filho

Faleceu, no dia 6 de abril passado, no Rio de Janeiro, onde residia, Alexandre Fontana Beltrão (92), uma das mais influentes personalidades do mundo do café, nos últimos 50 anos. Nascido em Curitiba, em 28 de abril de 1924, graduado em Engenharia, com inúmeros cursos de especialização em Londres e Paris, estreou no café em 1963, quando, a convite do Governo do Paraná, realizou um amplo estudo sobre a economia cafeeira no Estado que despontava, na ocasião, como a mais importante região cafeeira do País. O ensaio que elaborou, “Paraná e a Economia Cafeeira”, sem dúvida o mais profundo estudo social e econômico sobre a atividade do Café na época, concedeu-lhe projeção nacional e o convite para atuar como Consultor do IBC - Instituto Brasileiro do Café. Sua missão era colaborar na formulação de políticas para estabilizar o mercado de café, repartir entre os países o esforço de organização do mercado, e dar tempo para o Brasil reduzir a sua dependência do café.

24

Iônice Tristão, Alex Beltrão e Jair Coser



O passo seguinte, 1965, foi a sua designação para presidir, em New York, o Bureau Pan-Americano do Café e o Comitê de Promoção do Café, órgãos que atuavam na promoção das vendas de café e se constituíam no embrião principal da consolidação de um organismo internacional para a coordenação mundial do processo de cooperação entre os países produtores e consumidores, a OIC - Organização Internacional do Café, que ensaiava os seus primeiros movimentos e se confrontava com uma situação mundial de excesso de produção e consequentes preços baixos.

A sua destacada atuação no café levou-o, em 1968, a ser convidado para o cargo de Diretor Executivo da OIC, no qual permaneceu até setembro de 1994. As realizações de Beltrão ao longo dos anos, consolidaram a Organização como o centro mundial das decisões do café, encarregada de gerir um complexo sistema de disciplina do mercado através de um esquema de quotas e faixas de preços, e responsável em vários períodos pela estabilização dos preços mundiais do café e manutenção da renda dos mais de 50 países produtores. No acervo de suas realizações, destaca-se o seu comprometimento com as ações de promoção e fomento do consumo mundial do café. O Japão, hoje o 4º consumidor mundial entre os importadores, e a recuperação do consumo nos Estados Unidos, são os melhores exemplos da política adotada por Beltrão, que, permitiu em grande parte o salto do consu-

//

As negociações para a assinatura de um Acordo Internacional do Café reforçaram a minha percepção de que todas as partes da economia cafeeira são interdependentes e que poderia ser alcançado um entendimento global, no qual o Brasil e os outros produtores poderiam compatibilizar os seus interesses

//

mo de 40,0 milhões de sacas em 1970 para os atuais 152 milhões de sacas.

Os legados da gestão de Alex Beltrão, e reveladores das suas condições de estadista e homem de visão, traduzem-se não só na sua enorme capacidade de gerir e dar solução aos conflitos de interesses entre nações, entre produtores e consumidores, e neste ambiente de frequentes tensões, manter unida uma entidade mundial voltada para a cooperação internacional, que é a razão maior que explica a longevidade da OIC, e a sua permanência como foro de entendimentos das 75 nações cafeeiras que lá continuam, mesmo após encerrada a fase de intervenção no mercado. Assim como Beltrão, outros estadistas são responsáveis por essa maravilhosa e fascinante aventura, onde despontam Renato Costa Lima, Sérgio Frazão, Andrade Pinto, Rainho Neves, do Brasil, e Arturo Gomes Jaramillo e Jorge Cárdenas, pela Colombia.

Eu continuo a ver um Acordo Internacional do Café com os consumidores e produtores como um modelo válido para os próximos anos. Quanto mais as nações do mundo se tornam interdependentes maior será a necessidade de organismos internacionais como a OIC

O objetivo subjacente sempre foi o de, pela adoção de mecanismos de quotas e preços, dar aos países o tempo para fortalecer os setores de café e suas economias, face às realidades do mercado. Sem deixar que a natureza imediata do Acordo distorça a minha visão, eu diria que todos nós, que desempenhamos um papel no que foi um grande teste da cooperação internacional, podemos orgulhar das conquistas. A maioria dos países diminuiu significativamente sua dependência do café. Melhoraram a infraestruturas de seus parques produtores de café e de suas economias

Os meus contatos com importadores, torrefadores, retalhistas, restaurateurs, o público que bebe café, enfim o que chamamos consumidores, levaram-me a duas crenças fundamentais e que me orientam como Diretor Executivo: a primeira, foi a de que não poderia haver solução para os problemas do café sem a participação plena e direta dos consumidores, como diz o ditado, é preciso dois para dançar o tango; e a segunda, que nunca deve ser esquecido que o café é principalmente uma bebida, para ser saboreada e apreciada. Por muito tempo, os Governos e a indústria insistiam em tratá-la como uma mercadoria e uma política

Reverendo o passado, eu resumiria assim o que considero válido para o futuro: 1)- transparência: a distribuição para todos os interessados de informação e conhecimento do café é uma base firme para planejar e tomar decisões sobre o futuro; 2)- Qualidade: reforçar as políticas que dão prioridade ao café como uma bebida e melhorar a sua qualidade e popularidade; e, 3)- investimentos em produção e consumo resultarão em uma indústria modernizada e equipada para responder às mudanças e demandas dos mercados

Alex Beltrão e Ana Emilia



“Um benfeitor do café



Dos muitos atributos que fizeram de Alex Beltrão um benfeitor da economia mundial do café, ficou-me a impressão do exímio administrador de conflitos. Não foi outra coisa quem dirigiu por quase 30 anos uma babel de 70 países consumidores e produtores - a Organização Internacional do Café - instalada em Londres. Em 1968, por uma dessas artes que o destino não explica, aquele paranaense - engenheiro de formação e planejador de vocação - viu-se no comando do organismo então criado à sombra da ONU para reger o multiforme, colorido e fascinante planeta do café. Dizer que se saiu bem é dizer pouco da bela obra deixada por Alex Beltrão quando trocou a OIC, na década de 1990, para voltar ao Paraná e encerrar sua luminosa vida pública na equipe de outro visionário admirável, o Governador Jaime Lerner. Alex era um intelectual de alta voltagem, um gentleman de extremo bom gosto, com a rara qualidade de ser o que parecia ser. Onde ele chegasse, todos tínhamos a sensação de que as coisas iriam melhorar. E melhoravam mesmo.”

Niló Dante, jornalista, coordenador de Comunicação Social do IBC e criador do raminho do café

26 “ Alexandre Beltrão foi o mais criativo diretor executivo da OIC, tendo editado um grande número de medidas para o funcionamento do mercado internacional do café, sempre com o acompanhamento efetivo das ações implementadas. Com isso, ele foi o fiador por longos anos da estabilidade mundial dos preços do café “

Robério Silva, Diretor Executivo da OIC



“Alexandre Beltrão escreveu a história do café do Brasil e do mundo. Suas contribuições foram muito valiosas para a defesa dos interesses dos governos durante a guerra fria”.

Roberto Ticoulat, presidente do Conselho de Administração do INCI

“Foram 25 anos à frente da OIC. Alexandre Beltrão consolidou a Organização e colocou o Brasil na liderança dessa nova fase de política internacional do café.”

Eduardo Carvalhaes, sócio diretor do Escritório Carvalhaes.





“Só temos a agradecer e a homenagear o ilustre brasileiro Alexandre Beltrão, que foi o mais longo diretor da OIC. À frente da OIC, teve grande papel na implantação de mudanças e na estruturação para que a instituição se convertesse no principal fórum de debate em busca de uma cafeicultura moderna e sustentável. Não à toa, é considerado, até hoje, um dos dirigentes mais influentes e inovadores que o organismo já teve”.

Silas Brasileiro, presidente executivo do CNC.

“Alexandre Beltrão tinha inteligência, auto disciplina, força de vontade e disposição para aprender e produzir boas coisas, fazendo de si um homem de grandes virtudes, e assim, sempre respeitado por todos”.

Jônice Tristão, presidente do Conselho de Administração do Grupo Tristão



“Foi o mais importante e longo Diretor da OIC – Organização Internacional do Café, foi reeleito vários anos para o cargo por acordos dos representantes dos países produtores e consumidores, uma vez que de acordo com Estatuto que só permite uma reeleição para o cargo de Diretor da OIC. A cafeicultura brasileira e mundial muito deve a Alexandre Beltrão por sua brilhante atuação na Organização Internacional do Café.”

Jair Coser, Diretor Presidente da Unicafé Cia de Comércio Exterior.

O Deputado Federal Carlos Melles, Presidente da Frente Parlamentar do Café, fez um discurso na Câmara Federal, no dia 6 de abril, como homenagem póstuma a Alexandre Beltrão, destacando a sua trajetória e importância para o café e as suas realizações, citando-o como “ um ávido e permanente defensor das iniciativas do consumo do café”

